

Casa rural, casa popular e identidade nacional

Arquitetura, técnica e política a partir da revista argentina *Nuestra Arquitectura*

SANTOS, Rafael de Souza

Graduando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP | rafael_szantos@usp.br

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo - USP | nilcearavecchia@usp.br

EIXO TEMÁTICO: 01 – Fundamentos Teóricos e Metodológicos

Resumo: A fragilização das condições rural-urbano constitui uma realidade da América Latina, marcada por um processo de modernização desigual. As percepções sobre esse processo ensejaram os localismos que estabeleceram relação dialética com a arquitetura moderna nesse território, principalmente no que se refere à dimensão habitacional, da produção da casa e dos modos de vida. A mobilização de imagens rurais por arquitetos foi estratégia constante em escala transnacional, buscando uma tipologia de casa popular vinculada a um imaginário bucólico e de bem-estar. A incorporação de imagens vernaculares como forma de possibilitar a imitação da casa popular em território nacional colocou dimensões estéticas e técnicas em diálogo com ideologias e discursos políticos em vigência, nos quais a viabilização de uma tipologia em detrimento de outra indicou por vezes uma ferramenta de legitimação do Estado Nação. A revista *Nuestra Arquitectura*, nesse contexto, destaca-se como epicentro desses debates sobre a arquitetura moderna e a disseminação da arquitetura rural na Argentina, alcançando dimensão transnacional e contribuindo para o desenvolvimento do campo disciplinar no subcontinente. Suas edições permitem identificar soluções formais, como o chalet californiano, se sobrepondo e se mesclando a tipos de casas de veraneio, embaralhando historicismos e imaginários eruditos e populares. Em termos estéticos, a apropriação de um estilo neoclássico de raízes norte-americanas e sua reprodução em massa no território argentino derivaram da necessidade de reprodução em escala, no âmbito das políticas habitacionais estatais peronistas, também vinculadas à dimensão identitária e da moral familiar presentes nessas imagens. A partir de algumas matérias da revista, e em diálogo com a obra de Anahi Ballent (*Las huellas de la política*) pretende-se destacar a produção da casa popular na Argentina como manifestação cultural complexa, parte das disputas de hegemonia cultural, ao popularizar uma arquitetura supostamente adequada em termos técnicos e estéticos, sempre mediada pelas ideologias políticas vigentes.

Palavras-chave: Casa rural; identidade nacional; habitação popular; *Nuestra Arquitectura*; Argentina.

Rural house, popular house and national identity: architecture, technique and politics from the Argentine magazine *Nuestra Arquitectura*

Abstract: The weakening of rural-urban conditions is a reality in Latin America, marked by an uneven modernization process. Perceptions of this process gave rise to localisms that established a dialectical relationship with modern architecture in this region, particularly regarding housing, housing production, and lifestyles. The mobilization of rural images by architects was a constant strategy on a transnational scale, seeking a typology of popular housing linked to a bucolic and well-being imaginary. The incorporation of vernacular images as a way to enable imitation of popular housing nationwide placed aesthetic and technical dimensions in dialogue with prevailing ideologies and political discourses, in which the viability of one typology over another was sometimes seen as a tool for legitimizing the nation-state. In this context, the journal *Nuestra Arquitectura* stands out as the epicenter of debates on modern architecture and the dissemination of rural architecture in Argentina, achieving a transnational dimension and contributing to development of the disciplinary field in the subcontinent. Its editions allow us to identify formal solutions, such as the Californian chalet, overlapping and blending with types of summer homes, mixing historicisms and erudite and popular imagery. Aesthetically, appropriation of a neoclassical style with North American roots and its mass reproduction in Argentina stemmed from the need for large-scale reproduction within the framework of Peronist state housing policies, also linked to identity and family morality dimensions present in these images. Based on some of the magazine's articles, and in dialogue with the work of Anahí Ballent (*Las huellas de la política*), the aim is to highlight the production of the popular house in Argentina as a complex cultural manifestation, part of struggles for cultural hegemony, by popularizing an architecture supposedly adequate in technical and aesthetic terms, always mediated by prevailing political ideologies.

Keywords: Rural house; national identity; popular housing; *Nuestra Arquitectura*; Argentina.

Casa rural, casa popular e identidad nacional: arquitectura, técnica y política desde la revista argentina *Nuestra Arquitectura*

Resumen: El debilitamiento de las condiciones rural-urbanas es una realidad en América Latina, marcada por un proceso de modernización desigual. Las percepciones de este proceso dieron lugar a localismos que establecieron una relación dialéctica con la arquitectura moderna, particularmente en lo que respecta a la vivienda, la producción habitacional y los modos de vida. La movilización de imágenes rurales por arquitectos fue estrategia constante en escala transnacional, orientada a construir una tipología de vivienda popular vinculada a un imaginario bucólico y de bienestar. La incorporación de imágenes vernáculas como medio para imitar la vivienda popular nacional puso en diálogo dimensiones estéticas y técnicas con ideologías y discursos políticos, en los que la viabilidad de una tipología sobre otra funcionó como herramienta de legitimación del Estado-nación. En este contexto, la revista *Nuestra Arquitectura* se destacó como epicentro de debates sobre arquitectura moderna y difusión de la arquitectura rural en Argentina, alcanzando dimensión transnacional y contribuyendo al desarrollo del campo disciplinario en el subcontinente. Sus ediciones permiten identificar soluciones formales, como el chalet californiano, que se superpone y fusiona con casas de veraneo, mezclando historicismos e imaginarios eruditos y populares. En términos estéticos, la apropiación de un estilo neoclásico de raíz norteamericana y su reproducción masiva en Argentina respondieron a la necesidad de edificación en gran escala en el marco de políticas habitacionales del peronismo, vinculadas también a dimensiones identitarias y de moralidad familiar presentes en tales imágenes. A partir de artículos de la revista, y en diálogo con la obra de Anahí Ballent (*Las huellas de la política*), se busca destacar la vivienda popular en Argentina como manifestación cultural compleja, parte de disputas por la hegemonía cultural, mediante la popularización de una arquitectura supuestamente adecuada en lo técnico y estético, siempre mediada por ideologías políticas vigentes.

Palabras clave: Casa rural; identidad nacional; vivienda popular; *Nuestra Arquitectura*; Argentina

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata das formas de articulação entre Estado e técnica na produção habitacional argentina, num processo que viabilizou a produção massiva de casas populares através da reformulação e da readequação de uma arquitetura de origem rural anterior aos anos peronistas. Esse artigo deriva de uma iniciação científica que busca investigar genealogias dos diálogos sobre campo e cidade na habitação argentina a partir da revista *Nuestra Arquitectura*, e identificá-los nas redes intelectuais latino-americanas em meados do século XX.

De um ponto de vista metodológico a reflexão se apóia em contribuições teóricas que, desde finais do século XX, têm enfatizado conexões, fluxos e interações para além das fronteiras do estado-nação. Assim, considera-se o papel da circulação de pessoas e mercadorias na constituição de ideias, inclusive aquelas que foram mobilizadas na produção das identidades nacionais.¹ Adotando como principais documentos artigos e publicações dessa revista, pretende-se apontar como a mobilização de imagens e símbolos rurais em uma das faces da ação peronista fez parte, em realidade, de uma dinâmica transnacional de circulação técnica e simbólica, mesmo quando o objetivo era afirmar uma identidade nacional própria da Argentina. Assim, os bucolismos e pitoresquismos plasmados na arquitetura do chalet californiano se mostram como resultados de uma ampla discussão do meio técnico, contaminado pela cultura romântica que vinha desde o século XIX, que buscava reinventar imagens tradicionais por meio de técnicas mais modernas. Dessa forma, os desenlaces da formação de uma identidade nacional através da arquitetura a inseriram em um complexo circuito, seja no contato com países vizinhos latino-americanos, seja com um norte global detentor de hegemonia cultural e técnica no campo da arquitetura.

Nesse contexto, a análise da produção editorial da NA² emerge como um potencial caminho de investigação histórica acerca da produção de habitação popular na Argentina, principalmente no que se refere à experimentação de símbolos rurais no processo de concepção de um tipo ideal a ser produzido através de um programa político peronista. Como recorte documental mais específico, propõe-se investigar alguns artigos e publicações da primeira década de produção editorial, tentando posicionar a revista nessa esfera técnico efervescente de meados do século XX, que por muitas vezes andava a par de uma esfera política muito singular da América Latina, em seus primeiros anos de desenvolvimentismo. Analisando notas de autoria de Walter Hylton Scott, editor da revista, a expectativa é a de lançar luz sobre como a casa rural e a casa popular estão sendo afirmadas e combinadas no meio técnico e profissional, ativo tanto na arquitetura, quanto nas disputas políticas.

¹ Entre diversas possibilidades destacam-se: as interconexões sistêmicas e relacionais propostas pela história global de autores como Sebastian Conrad (CONRAD, S., 2019); o conceito de “zona de contato”, tal como sugerido por Mary Louise Pratt (PRATT, M. L., 1999), identificando encontros e interações culturais marcados por hierarquias de poder; e a historiografia sobre a América Latina de viés “transnacional”, conforme sistematizado por Barbara Weinstein (WEINSTEIN, 2015).

² A partir daqui se referirá à revista *Nuestra Arquitectura* como NA

O primeiro artigo observado trata das mudanças formais no desenho e no projeto de arquitetura, que refletem uma modernização das práticas e técnicas, sugerindo um novo olhar à produção do espaço doméstico e trazendo novos questionamentos aos arquitetos. As seguintes publicações evidenciam os apontamentos do editor acerca da formulação de casas econômicas e otimizadas, em projetos de casas rurais que não se limitam a apenas um estilo, por vezes assumindo faces neocoloniais, ou participando de um circuito de vanguarda modernista.

ESTADO E TÉCNICA NA CONSTITUIÇÃO DA HABITAÇÃO SOCIAL NA ARGENTINA

A partir do século XX, a questão da moradia para os setores mais pobres da sociedade passou a ser compreendida como uma questão de ordem social, o que levou à formulação de novos caminhos para a constituição de políticas trabalhistas e assistencialistas nos Estados-nação latino-americanos. Esse processo ocorreu em paralelo à emergência da intervenção estatal na economia e no território, cujo horizonte de superação das condições de subdesenvolvimento, levaria à formulação das ideias desenvolvimentistas que surgiram de maneira mais sistematizada na América Latina a partir da década de 1940. Nesse sentido, as décadas de 1920, 1930 e 1940 foram marcadas por uma profunda modificação nas instâncias públicas e executivas visando reformas que se adaptassem à nova realidade industrial e urbana de muitas cidades, bem como à incorporação dos interesses da crescente classe média e operária às intervenções estatais. Essa leitura aparece de maneira substancial nos estudos realizados acerca da construção e das origens da habitação social como política de Estado a partir de fins do século XX, tendo como frente muitos pesquisadores e historiadores determinados a realizar uma recuperação histórica da associação entre Estado e técnica na construção de políticas habitacionais. A condição de subdesenvolvimento como fator comum entre as nações latino-americanas conferiu configurações políticas muito semelhantes nos distintos países, embaralhando o estabelecimento de fronteiras sociais e culturais num processo que, por muitas vezes, é apagado em historiografias nacionais pautadas pela comparação de casos isolados (WEINSTEIN, 2013). A intenção de procurar zonas de contato entre as fronteiras estabelecidas na historiografia da habitação social em países da América Latina visa contribuir para sua compreensão enfatizando imagens e símbolos do morar, que alimentaram em todo o continente certas faces ideológicas do que seria ideal para a organização dos modos de morar dos trabalhadores e dos setores populares.

A Argentina, assim como demais países vizinhos, inseriu-se igualmente no circuito global que compõe a lógica do desenvolvimento industrial e urbano das cidades latino-americanas, marcadas pelo arco da promessa e da vontade projetiva até uma inversão crítica rumo ao pensamento anti-urbano (GORELIK, 2005). Olhar para a manifestação dos efeitos de políticas territoriais, sobretudo, traz a necessidade de observar os agentes internos e externos que estiveram presentes nessa equação, corporificada por um meio técnico fortemente articulado com as instâncias públicas da arquitetura e muitas vezes de maneira ativa na afirmação de códigos nacionais. Em um cenário global, o fortalecimento de uma hegemonia capitalista manifestada pelos Estados

Unidos transferiu para lá o polo de inovação técnica da arquitetura ainda que as vanguardas europeias se mantivessem muito ativas e empenhadas na reformulação da arquitetura moderna, pela geração que veio após os grandes mestres modernos, ao mesmo tempo inspirada e crítica a nomes como Le Corbusier. Enquanto a Europa se manteve como referência do passado colonial da América Latina, os Estados Unidos adentraram a uma posição cultural hegemônica adotando uma postura imperialista, como a formulada pela doutrina Monroe ainda no início do século XIX. Nesse caminho, expressões como “pan-americanismo” e “interamericanismo” surgem como notação para uma ideia de “fraternidade continental” tida a partir dos Estados Unidos como suposto guardião das demais nações (ATIQUE, 2010 [2007]). Essa conjuntura trouxe um caráter muito internacional à base dos debates próprios sobre habitação popular na Argentina, inserindo-a em um trânsito triangular de conhecimentos, imagens, estilos e técnicas entre Europa, Estados Unidos e América do Sul (ARAVECCHIA, 2016 [2011]).

Em um cenário particular da geopolítica nas Américas, o processo de industrialização das cidades latino-americanas, impulsionado por políticas de substituição de importações, refletiu uma tendência à estatização dos problemas sociais e à intervenção por meio de figuras capazes de representar as emergentes classes urbanas e a identidade de uma nação como um todo. Nesse cenário, o presidente argentino Juan Domingo Perón tomou a frente de um Estado interventor entre 1943 e 1955, instaurando políticas associadas ao modelo de bem-estar social, emergindo como liderança de um pacto com os setores mais populares.³ O peronismo inaugurou na Argentina o ciclo de um Estado planejador e fortemente intervencionista, com ações similares às que vinham sendo aplicadas em países como Uruguai (batilismo) e México (cardenismo) desde as décadas anteriores, e que ganharam corpo teórico depois da crise mundial de 1929. As contribuições do economista inglês John Maynard Keynes daria o corpo teórico ao intervencionismo estatal no plano mundial, em oposição ao liberalismo mais corrente. Na América Latina, as políticas peronistas seriam decisivas para as formulações desenvolvimentistas a partir da década de 1940, sobretudo pela liderança de Raul Prebisch na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – a CEPAL. O problema da moradia para os trabalhadores é parte desse cenário, e, no caso do peronismo, marca um distanciamento com as políticas empreendidas por governos passados, que figuravam o modelo abstencionista e liberal de Estado. Por esse lado, discursos enunciados desde o primeiro mandato de Perón, como a defesa do “*derecho al bienestar*” e o “*derecho a la vivienda*”, foram precedidos de políticas habitacionais que se desenvolveram por meio de ação direta ou indireta, isto é, na produção de unidades habitacionais ou na outorga de créditos, sendo esta última a modalidade predominante

³ O debate sobre o “populismo” na América Latina é extenso, incluindo a crítica ao conceito que toma por passiva e controlada uma massa de trabalhadores que se identifica com seus líderes, interpretação muito corrente na literatura que trata de fenômenos como o peronismo na Argentina, ou o varguismo no Brasil. Angela de Castro Gomes, ao analisar o caso brasileiro, ofereceu contribuição decisiva propondo superar a dicotomia entre autonomia ou heteronomia dos trabalhadores, e as interpretações pejorativas do populismo. Sua ideia de um pacto trabalhista, buscou mostrar a agência dos trabalhadores organizados de distintas formas para pressionar, apresentar demandas e pautar parte das decisões políticas dos governos chamados de populistas. (GOMES, 2005)

(BALLENT, 2005).⁴ A manifestação dessas intervenções no campo da arquitetura e do urbanismo se deu na Argentina por programas arquitetônicos dos mais variados, como o que também se observa na produção estatal brasileira entre as décadas de 1930 e 1960 (BONDUKI; KOURY, 2014). A diversidade de formas foi acompanhada, por sua vez, pela pluralidade dos conteúdos políticos, sociais e culturais das construções diretas de moradia. Entretanto, no caso argentino, políticas habitacionais canalizadas pelo Banco Hipotecário Nacional e pelo programa específico Plan Eva Perón, compuseram a grande massa da ação indireta na qual era empreendido e financiado um tipo arquitetônico muito singular: os *chalets californianos* (ABOY, 2013).

O RURALISMO NO HORIZONTE DA ARQUITETURA NACIONAL

Não apenas a tipologia dos *chalets californianos* interessa à reflexão apresentada aqui, mas principalmente em como se deram as disputas empreendidas no interior do meio técnico em relação à eleição dessa arquitetura como modelo ideal a ser reproduzida em larga escala por meio de uma política centralizada. Embora não exista consenso quanto à nomenclatura utilizada na definição dessa tipologia de residência unifamiliar disseminada durante o peronismo, termos como *pintoresco*, *californiano*, *neocolonial*, *rústico* ou mesmo a definição de *mission style*, evidenciam a complexidade de uma arquitetura que se assemelha às de imagens simbólicas de um passado colonial muito presente na costa oeste dos Estados Unidos. A arquiteta e pesquisadora Florencia Silvero define o termo californiano como o mais apropriado para esta produção:

A palavra californiano, que vem do espanhol [...], significa aquilo que “pertence ou está relacionado à Califórnia nos Estados Unidos da América”, reconhece sua dupla afiliação: a espanhola e a norte-americana, e, portanto, seu forte componente intercultural (SILVERO, F., 2022) (tradução feita pelos autores).

6

Na visão da autora, a complexidade desses debates terminológicos são, na realidade, demonstrativos de um apagamento ou vazio documental que é responsável pela produção de uma série de más interpretações sobre essa produção na historiografia da arquitetura argentina (SILVERO, 2022). A lente prismática que acompanha esse trabalho é, portanto, de entender o *chalet californiano* como manifestação complexa, que coloca os debates da história da habitação de uma nação em relação às dinâmicas mais globais, em que técnica e política se retroalimentam em constante tensão. As categorias campo e cidade também se constituem de maneira ambígua e contraditória – ainda mais quando a recuperação de uma tradição campesina, dotada de imagens pitorescas, se torna especial em um contexto de desenvolvimento da nação, e se apresenta como possibilidade para as vias da urbanização da população trabalhadora migrante.

As múltiplas faces da arquitetura peronista tiveram, no *chalet californiano*, a representação máxima do que a arquiteta e pesquisadora argentina Anahí Ballent define como arquitetura rústica e rural, que se relaciona com o campo, o mundo folk e sugere associações ao regionalismo (BALLENT, 2005). Entretanto, tal simbolismo, dotado de uma visão da paisagem natural como um ser bucólico, é fruto também de uma

⁴ “Direito ao bem-estar” e “direito à moradia” (tradução feita pelos autores).

expressão vanguardista do modernismo, responsável por renovar os modos de dialogar a paisagem natural e a ação humana, propondo integrações mais orgânicas e gradativas entre a arquitetura e o território (PEREIRA, 2010). Recorrer a “paraísos perdidos” é uma prática proveniente desde a colonização das Américas – de todas as Américas e não só da Califórnia – e isso consolida um substrato cultural comum, que seria incorporado na constituição de uma arquitetura que buscava ser dotada de valores nacionais. A preocupação é parte das disputas intelectuais sobre a imagem e o caráter nacional desde o período pós-independência, em que parte do campo disciplinar da arquitetura buscava no mundo colonial a reação a valores internacionais propagados ao longo do século XIX pela emergência do ecletismo.⁵ A mobilização de ruralismos em uma estética arquitetônica tão singular e a eventual vinculação da mesma com um plano técnico e simbólico modernista evidenciam, assim, o esforço de técnicos e agentes políticos do programa peronista na formalização de uma arquitetura nacional e própria da Argentina.

A intenção de criar mitos de identidade nacional por parte do Estado teve, entretanto, na Argentina uma dificuldade de concretização muito única, dada a tarefa complexa de criar ficções-diretrizes⁶ capazes de responder à desarticulação geográfica, política, cultural e econômica marcantes do território desde sua concepção. Recorrendo a um passado anterior a sua colonização, a característica nomadista das comunidades pré-hispânicas que viviam nas grandes planícies da Argentina, principalmente rumo ao sul do seu território, foi fator decisivo na formação de províncias argentinas relativamente isoladas ao longo do processo de hispanização (SHUMWAY, 2008 [1991]). Cada região, portanto, desenvolveu tradições e mitos muito singulares, ensejando os diversos localismos que são fruto, em realidade, de condições específicas da geografia e natureza. Na esfera da organização política, pelo viés de interpretação do conceito de populismo, o reflexo dessa condição seria o governo não de uma instituição, mas de um indivíduo carismático que incorpora valores da cultura popular – e essa seria a lógica condutora de Perón, que, tendo passado uma infância no campo, incorporou uma imagem própria dos migrantes internos, do espaço rural ao urbano. Mesmo reconhecendo o risco de anacronismos ao transpor dada leitura histórica para o

⁵ Para essa discussão, entre muitos autores que trataram do tema, destaca-se o livro coordenado por Aracy Amaral: AMARAL, Aracy (coord.). *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial / Fondo de Cultura Económica, 1994. Para o debate brasileiro sobre o neocolonial e a identidade nacional ver: PINHEIRO, M. L. B. . *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2011; PINHEIRO, M. L. B. Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2011; MELLO, J. Ricardo Severo. *Da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo, Annablume, 2007; KESSEL, Carlos. *Arquitetura Neocolonial no Brasil: Entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008; AL ASSAL, M. B. *Arquitetura e identidade nacional no estado novo: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo*. São Paulo, Annablume, 2013.

⁶ Termo cunhado por Shumway ao tratar da condução do forte sentimento nacionalista que advém do declínio do Iluminismo e ascensão do Romantismo nas culturas europeias. Segundo o autor, esse sentimento superou as ideias de fraternidade universal e deu lugar à uma posição onde cada país deveria afirmar suas especificidades étnicas, linguísticas e míticas, mobilizando mitologias nacionais para construir um senso de identidade e destino coletivo à nação. (SHUMWAY, N., 2008 [1991], p.23)

contexto do século XX, esse tipo de recorrência traz luz à dimensão da identidade nacional argentina e as próprias contradições inerentes ao processo de formação de imagens ditas tradicionais. Tais tensões se tornam particularmente evidentes quando a mobilização de símbolos, integrante de um programa político específico, recorre a imagens que não estão diretamente ligadas à categoria do “gaucho”, população trabalhadora do campo que compõe a paisagem das grandes planícies da Argentina, Uruguai e Brasil (SHUMWAY, 2008 [1991]).

A articulação do meio técnico com o político foi possível, nesse cenário, com a formalização do campo profissional e fortalecimento dos debates disciplinares, profundamente atravessados pelo circuito triangular entre Europa, Estados Unidos e América Latina. É possível identificar a circulação dessas ideias na realização dos congressos e eventos internacionais que reuniam os arquitetos mais adeptos do pan-americanismo de promoção estadunidense. A manifestação local de todo um campo disciplinar que efervescia com a modernização, urbanização e desenvolvimento da América Latina, esteve presente no ensino de arquitetura e nas revistas especializadas. A análise de revistas que se inserem nesse circuito mais amplo e especializado, e que assumiram o papel da disseminação dessa “arquitetura californiana” como é o caso das revistas *Nuestra Arquitectura* e *Casas y jardines*, ambas pertencentes à editora Contémpera indicam a introdução de questões estilísticas e técnicas de um circuito global no contexto de discussões locais sobre produção de casa popular (SILVERO, 2022). Dentre as duas revistas citadas, a NA mostra-se ideal para uma discussão feita a partir do meio acadêmico e destinada a um público especializado, se inserindo nesse circuito global de maneira ativa, não apenas por meio de uma via unilateral estadunidense, mas também contribuindo ativamente aos diálogos horizontais com os países latino-americanos, como o Brasil, e com a hegemonia cultural projetada pela Europa (BALLENT, 2005).

8

A PRESENÇA DA NUESTRA ARQUITECTURA NO DEBATE DA HABITAÇÃO NA ARGENTINA

A revista *Nuestra Arquitectura* foi uma produção editorial argentina de arquitetura editada em Buenos Aires entre 1929 e 1986, se direcionando especificamente a um público especializado. Fundada pelo engenheiro norte-americano Walter Hylton Scott – e dirigida pelo mesmo até o ano de 1956 – a revista foi editada mensalmente até a sua penúltima década operante, vinculada à editora *Contemporanea*, tal como a revista *Casas y Jardines*. Teve como foco especial o tema da habitação, destacando-se como um espaço privilegiado de discussão e difusão de ideias, estilos, técnicas e críticas acerca dos debates mais contemporâneos da habitação em contexto local (BALLENT, 2005). Ao lado de muitas outras publicações periódicas de arquitetura, a NA fez parte de um grupo de agentes muito específico que se dirigia a meios técnicos e acadêmicos em escala mais ampla (por vezes, dialogando muito com o cenário global da arquitetura), mas que também atingia outros públicos, como o não especializado e mais comercial. Nesse sentido, as revistas desempenhavam o papel de entidades pedagógicas de arquitetura, visto que traduziam os temas mais atuais e modernos, principalmente no campo da arquitetura residencial, para o fortalecimento profissional

da classe dos arquitetos e engenheiros, democratizando imagens e massificando símbolos a um meio mais comercial (SILVERO, F. A., 2022). Conforme aponta Anahí Ballent em relação à revista:

Em relação aos seus objetivos iniciais, a revista visava orientar o cenário local num momento que considerava crítico para a arquitetura, como afirmou Hylton Scott no primeiro editorial. Os elementos através dos quais a NA pretendia fornecer orientação eram: a introdução do conforto, a transformação da habitação e a formação de uma estética. Este programa de modernização baseava-se em questões centrais do debate arquitetônico do final da década de 1920, onde as demandas locais, sociais e técnicas influenciavam a discussão tanto quanto as sugestões do debate internacional (BALLENT, 2005) (tradução feita pelos autores).

A relevância da revista se evidencia ainda mais quando se observa o contexto específico de seu surgimento, que, no final da década de 1920, atravessava um período marcado pelo andamento das políticas pan-americanas e a intensificação do papel dos congressos de arquitetura na circulação de ideias - ambos os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (CPA) e o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), desempenharam um papel central na articulação do meio técnico na América do Sul. A lógica pan-americanista que guiava esses encontros era pautada pela ideia de união continental como um pacto de fraternidade, que seria mais adequado aos americanos do que o diálogo com a “velha Europa” (ATIQUE, 2010 [2007]). Dentre os muitos encontros, os CPAs tiveram um papel fundamental no estabelecimento de uma agenda comum para os países latino-americanos: a regulamentação da profissão, a formalização do ensino de arquitetura e a integração do ensino de urbanismo nas escolas de ensino superior. O III Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido em Buenos Aires em 1927, representou a participação ativa da Argentina nesse meio, e ainda possibilitou uma inserção de novas noções acerca do ensino de arquitetura e regulamentação da profissão – principalmente em relação à realização de concursos e projetos públicos e consolidação institucional do meio profissional – em um território próprio. Esses temas, junto com outras problemáticas emergentes da modernização das cidades, como o déficit habitacional e o crescimento populacional, se somaram a esse cenário político que desenhava uma relação muito forte do país com os Estados Unidos. Desse ponto se entende o contexto de criação da NA, que se torna ainda mais emblemático quando o agente que se posiciona à frente da editoração e elaboração de artigos nesse primeiro momento é um engenheiro estadunidense.

Dito isso, uma análise mais aproximada da primeira década de publicação da revista indica de maneira exata a tradução imediata dos temas debatidos em eventos pan-americanos e de arquitetura moderna em artigos, publicações e chamados, desde a figura de Hylton Scott até a massa consumidora. A indicação de críticas e posicionamentos do autor nesse momento estão muito alinhados à visão do mesmo em relação aos problemas da cidade, da habitação e da arquitetura. Além disso, uma constante notável nos primeiros anos de produção editorial da NA é a importância dada pelo diretor na definição dos objetivos de se veicular não apenas uma arquitetura local ou nacional, mas sim a uma arquitetura “de seu tempo” (BALLENT, A., 2005). Nesse ponto de vista, a crítica e o posicionamento do engenheiro eram na reformulação de um fazer arquitetônico adequado às necessidades por moradia no contexto argentino

desse momento, e trabalhar os critérios de modernização do projeto residencial se tornaram um grande objetivo de suas notas editoriais entre 1929 e 1933.

Dessa maneira, a seleção dos artigos analisados perpassa por duas balizas referenciais. Por um lado, considerando os termos da articulação entre Estado e técnica definidos, os primeiros cinco anos de produção editorial transparecem, em notas editoriais de Hylton Scott, a incorporação direta das grandes tendências dos debates pan-americanos e contemporâneos da arquitetura. Por outro lado, em uma análise estilística da arquitetura rural que posiciona o *chalet californiano* no centro das discussões, os anos de 1929 até 1943 são o único momento da revista onde aparecem manifestações explícitas dessa arquitetura, dado o apagamento que este estilo sofre durante os anos peronistas, que é resultado de uma tensão existente entre a classe arquitetônica e o regime autoritário de Perón (SILVERO, F. A., 2025).

A RELAÇÃO ENTRE A VANGUARDA MODERNISTA E A CASA RURAL

Como abordado anteriormente, os primeiros anos de publicação da NA foram marcados por uma produção pautada pela definição de novos subsídios projetuais no campo da residência, traduzindo as novas ânsias que a indústria estadunidense trazia para o campo técnico mais geral: o conforto do lar, a otimização do espaço doméstico e a transformação da casa. Nesse lugar, as notas editoriais de Hylton Scott eram essenciais para a definição de uma posição crítica bem colocada, e, inicialmente, a introdução da modernidade era mediada por um posicionamento mais cauteloso do diretor: como no artigo “Arquitetura Moderna”, onde o entusiasmo do arquiteto estadunidense Arturo Beach Ward frente às linhas da arquitetura moderna europeia – que tinha como agente importante a École de Beaux Arts na França – foi precisamente comentado por Hylton Scott, que em uma nota inicial se posiciona contra a negação da tradição e dá um passo atrás defendendo a participação da mesma na arquitetura de hoje e de amanhã (NA nº 1, set. 1929, p. 30).

Tal posicionamento, entretanto, não negava diretamente a modernização da arquitetura em detrimento da recuperação de tradições e linhas de onde partiam os localismos de uma arquitetura regional. As notas editoriais de Hylton Scott que se seguiram até fins de 1931 demonstram um posicionamento completamente a favor da modernização de técnicas e fomento da indústria da construção civil como um elemento fundamental para a reformulação do desenho do espaço doméstico. Nesse sentido, o artigo *El plan de la casa es lo que la hace moderna* coloca (ver figura 1), no projeto de uma residência, o desenho da planta como a base do projeto de uma casa, na qual as necessidades da vida da família vão determinar a conformação do espaço e organizar um lar com caráter de seu tempo, e desse plano posteriormente surgem as formas exteriores e os detalhes a serem projetados que irão compor a imagem das fachadas da casa. Essa posição crítica introduziu a importância de se pensar o lar a partir do interior do espaço doméstico e da sua renovação, e não como uma reprodução de imagens e fotografias que limitam o projeto à realização de fora para dentro. Além disso, ao se referir à renovação do espaço doméstico como resposta às novas necessidades da família em tempos contemporâneos, muito se refere às crescentes demandas de otimização do

serviço doméstico realizado pela mulher, que definem novas relações espaciais e tecnologias, como a redução do tamanho da área de serviço e da cozinha e a introdução de sistemas de refrigeração e aquecimento de água (NA nº 21, abr. 1931, p. 844-848).

O esforço, segundo o autor, para a realização de projetos residenciais em termos adequados para os nossos tempos é de partir o desenho e concepção do espaço a comportar determinada família através da planta como o centro das discussões – e essa é fundamentalmente uma forma de concepção e fazer arquitetura defendido pelas vanguardas modernistas nesse momento. O que Hylton Scott defende, sobretudo, não é uma sobreposição de determinadas técnicas sobre outras, mas sim uma mescla do desenvolvimento lógico, pensamento projetual e racionalização a soluções adotadas a longo prazo, pois, segundo o mesmo, as “ideias antigas que resolvem bem um problema são melhores do que ideias novas que não o resolvem ou o resolvem mal” (NA nº 21, abr. 1931, p. 846). Nesse meio que coloca arquitetos vanguardistas e conservadores em posições ideológicas contrárias, as discussões estilísticas e técnicas se polarizaram, enquanto a solução para a arquitetura do amanhã talvez esteja sendo concebida no cerne dessas disputas, como o próprio autor conclui o artigo:

Em suma, nem a ânsia pela novidade pela novidade em si, nem o apego inabalável às tradições são bons. Somente o estudo metódico e consciencioso da vida contemporânea, na era atual, para criar a estrutura apropriada para ela, levará, em última análise, ao sucesso — um cânone que sempre distinguiu a boa arquitetura e que fundamentou todos os classicismos (NA, 1931, nº 21) (tradução feita pelos autores).

El plan de la casa es lo que la hace moderna.

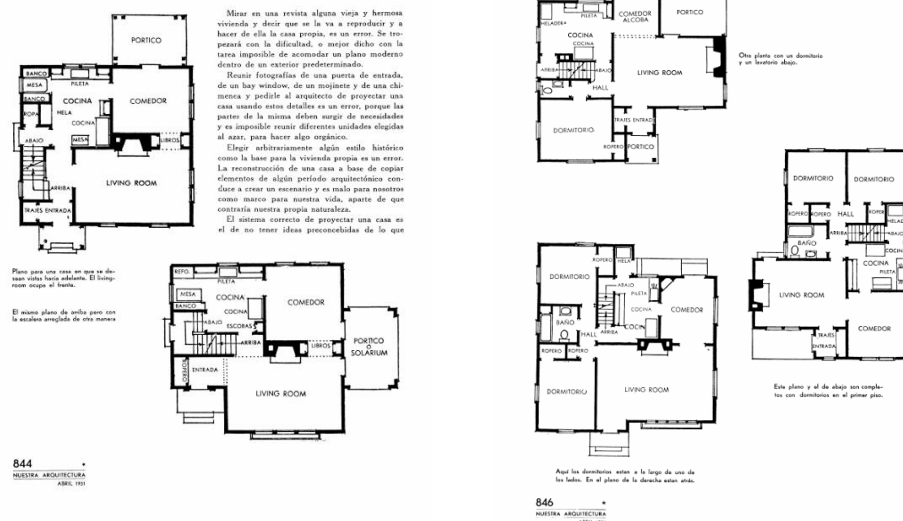


Figura 1. Artigo “El plan de la casa es lo que la hace moderna” em NA nº 21, abril de 1931.

O posicionamento crítico do diretor aparece também na organização e seleção dos projetos que estão circulando na revista nesses primeiros anos de publicação, permitindo a coexistência de imagens e estéticas que de certa forma se opõem - casas pitorescas e de veraneio na cidade balneária de Mar del Plata, prédios de apartamentos nos centros urbanos em soluções Art Déco e ecléticas, casas individuais sob linhas precisamente modernas em Belgrano, entre outros. Entretanto, uma leitura que se propõe genealógica acerca dos rumos da habitação popular na Argentina, sugerem um

olhar para a disseminação das imagens de casas rurais e suburbanas que acompanham um ritmo tradicional de múltiplas faces, assumindo formas pitorescas, como a do *chalet californiano* e das casas normandas, ou formas racionalizadas e industriais, como as casas econômicas promovidas por concursos de vivienda rural⁷ ou os estudos realizados por vanguardas modernistas alinhadas a Corbusier, como do grupo Austral.

Nos moldes do estilo californiano, foram muitas as publicações emitidas pela revista no período que antecede o governo populista liderado por Juan Perón, e, em uma historiografia da habitação na Argentina de maneira mais geral, se define esse momento como uma consolidação de tipologias após uma extensa experimentação entre 1910 e 1930 (BALLENT, 2005). Entretanto, essa fase inicial de produção editorial trouxe muitas reflexões acerca da produção de uma arquitetura rural que mobiliza imagens tradicionais por meio de técnicas e lógicas de um sistema racional e modernizado de projetar, como Hylton Scott sempre evidenciou, tanto nesse artigo mencionado, quanto em outros como *Casas de ayer, de hoy y de mañana* (NA nº 17, dez. 1930, p. 663), *Prolongando la casa al aire libre* (NA nº 18, jan. 1931, p. 718-720) e *La casa pequeña: un problema para resolver* (NA nº 26, set. 1931, p.83-88). O reflexo dessas intenções explicitadas teoricamente se materializa em muitas das publicações e projetos acerca da arquitetura rural, que foram responsáveis por formalizar a propagação do estilo californiano, trazer o bucolismo e a “tradição colonial” para o espaço doméstico além de atender as novas necessidades humanas demandadas em um tempo contemporâneo.

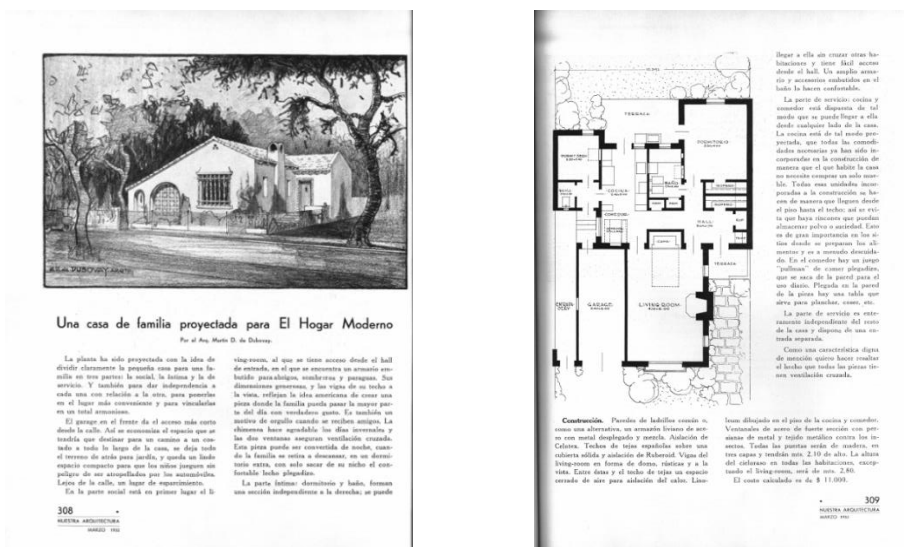


Figura 2. Publicação pelo arquiteto Martin Dubovay: “Una casa de familia proyectada para El Hogar Moderno” em NA, nº 31, março de 1932.

A publicação realizada pelo arquiteto Martin Dubovay em março de 1932 (ver figura 2), sobretudo, materializa o potencial “revival” empenhado pelos entusiastas do estilo californiano em um processo de racionalização e otimização do espaço doméstico. Apesar de apresentar um interior que ainda coloca a mulher subordinada ao serviço

⁷ Ver publicação “Concurso de anteproyectos para viviendas rurales del Banco de la Nación Argentina” (NA nº 126, set. 1940, p. 440-449).

doméstico e segregada do espaço de socialização, a preocupação com a limpeza desse espaço a partir do desenho de um mobiliário adequado, que “chega do piso até o teto, evitando a existência de cantos que possam armazenar pó ou sujeira”, aparece como uma iniciativa de otimização do serviço doméstico (NA nº 31, mar. 1932, p. 308-309). A preocupação com a ventilação cruzada redefine, nesse projeto, o desenho das janelas na área social, assumindo um papel particular na criação de espaços onde a família pode passar a maior parte do dia, refletindo um ideal americano de sociabilidade, como o próprio arquiteto pontua. Além da possível conversão do uso dos espaços prevista no desenho, ou outros detalhes que trazem um maior conforto térmico para a casa, a predefinição de todos os itens e etapas de construção possibilitam, nesse projeto, uma grande redução de custos.

A aparição, entretanto, dos *chalets californianos* ao decorrer das edições da revista na década de 1930 não foram as únicas imagens representativas do ruralismo na arquitetura residencial. O processo de formalização do *chalet californiano* com uma reavaliação qualitativa de seu espaço doméstico esteve no meio de outras imagens de morar rurais, como a solução mais fiel ao traço ortogonal modernista apresentado pelo engenheiro argentino Antonio Vilar em *La arquitectura contemporânea en el campo* (ver figura 3). A apresentação desse projeto é acompanhada de uma carta direcionada a Hylton Scott, com uma reflexão refinada acerca dos termos “standard” e casa barata e uma tendência a pensar a arquitetura moderna, buscando novas tipologias de casas “de renta” (econômicas), que o posicionaram como um forte expoente da arquitetura moderna argentina. Como sugere a própria posição de Vilar acerca da otimização possibilitada por uma forma de projetar característica da arquitetura moderna, o projeto do “rancho de José Paz” traz as preocupações com o conforto térmico, a adaptação às novas demandas tecnológicas como os condutores de luz e rede telefônica e usos conversíveis, exercitando à arquitetura rural uma contemplação da natureza sem artifícios, como o próprio arquiteto se refere ao tratar da casa como uma habitação comum de campo (NA nº 43, fev. 1933, p. 225-229).



Figura 3. Publicação de carta e projeto pelo engenheiro Antonio Ubaldo Vilar: "La arquitectura contemporánea en el campo" em NA nº 43, fevereiro de 1933.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve investigação realizada nesse trabalho busca se inserir no campo da historiografia da arquitetura argentina, mas que busca estabelecer relações do debate sobre a nação com a historiografia brasileira, latino-americana e, por que não, global, de disputas entre arquitetura e política, buscando ver nas interfaces da produção habitacional, manifestações dos interesses de diversos agentes que disputam a dimensão social e cultural da família e da casa.

Em relação à arquitetura promovida pelo Estado peronista, é visível como na recuperação da imagem rural para a conformação de uma arquitetura nacional, não houve uma negação da modernidade, como poderia sugerir uma retomada fidedigna da tradição, mas sim uma reformulação desses símbolos, simplificando e adaptando as imagens de maneira a criar uma comunicação desse estilo com seu tempo.

Por fim, importante destacar que essa é uma reflexão inaugural sobre os documentos reunidos pela pesquisa, que se propõe a complexificar os termos da arquitetura habitacional e das interfaces de campo e cidade nos tempos de desenvolvimentismo na América Latina. A investigação está em curso e aberra a discussões para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ABOY, Rosa. **Viviendas para el pueblo**. Espacio urbano y sociabilidad en el barrio Los Perales. 1946-1955. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económico, 2013.

AL ASSAL, M. B. **Arquitetura e identidade nacional no estado novo**: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo. São Paulo, Annablume, 2013.

AMARAL, Aracy (coord.). **Arquitectura Neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial / Fondo de Cultura Económica, 1994.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina. **Estado, Arquitetura e Desenvolvimento**: A Ação Habitacional do Iapi. 1.ª ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2016 [2011].

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a "Boa Vizinhança"**: a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945. São Paulo, Pontes; 1.ª ed., 2010 [2007].

BALLENT, Anahí. **Las huellas de la política**: Vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires, 1943-1955. 1ª ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes: Prometeo 3010, 2005.

_____. *Nuestra Arquitectura (NA)*. Em: **Diccionario de arquitectura en la Argentina**: estilos, obras, biografías, instituciones, ciudades, i-n:201-5. Buenos Aires: Clarín Arquitectura, 2004.

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. **Os pioneiros da habitação social**, vol. 2. Inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964. São Paulo, Sesc, Unesp, 2014.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro, FGV, 2005.

GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 17, n.1, p. 111-133, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100005>. Acesso em: 08 jan. 2026.

KESSEL, Carlos. **Arquitetura Neocolonial no Brasil**: Entre o pastiche e a modernidade. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

MELLO, J. **Ricardo Severo**. Da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira. São Paulo, Annablume, 2007.

PINHEIRO, M. L. B. . **Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2011.

PINHEIRO, M. L. B. **Ricardo Severo e o Neocolonial**: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. Intellèctus, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2011.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

SHUMWAY, Nicolas. **A invenção da Argentina**: História de uma idéia. São Paulo: Edusp; Brasília: Editora UnB, 2008.

SILVERO, Florencia Amado. **¿Californiana? ¿Pintoresca? ¿Neocolonial? ¿Popular? ¿Rústica? ¿Peronista? ¿Colonial española? ¿Rural? ¿Mission style? De qué hablamos cuando hablamos de arquitectura californiana**. 2022: XXXVI Jornadas De Investigación y XVIII Encuentro Regional De Investigación Si+Categorías.

_____. El sentido social del *chalet californiano*. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación**, n. 164, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/cdc/article/view/7010>. Acesso em: 23 jul. 2025.

_____. **Odiando al chalet peronista**. Un recorrido historiográfico crítico sobre el tipo californiano en Argentina post 1955. Actas del IX Congreso de Estudios sobre el Peronismo, 2025.

UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Centro de Documentación - Biblioteca "Prof. Arq. Manuel Ignacio Net". **NUESTRA ARQUITECTURA**. Buenos Aires. 1929 – 1985. Disponível em: <<https://biblioteca.fadu.uba.ar/tiki-index.php?page=NA-HEAD>>. Acesso em: 08 jun. 2025.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n. 14, p. 9-36, jan./jun, 2013. Disponível em: <<https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2331/2063>>. Acesso em: 26 abr. 2025.